

Experiências com blog na pesquisa e na formação inicial de professoras de educação infantil

Marques, Danielle Vieira Aquino; Müller, Fernanda

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Marques, D. V. A., & Müller, F. (2012). Experiências com blog na pesquisa e na formação inicial de professoras de educação infantil. *ETD - Educação Temática Digital*, 14(1), 43-61. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-312739>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

CDD: 303.4833

EXPERIÊNCIAS COM *BLOG* NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL¹***BLOG EXPERIENCES IN RESEARCH AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHER'S TRAINING***

Danielle Vieira Aquino Marques²
Fernanda Müller³

Resumo

O artigo aborda o uso de novas tecnologias na pesquisa e na formação inicial de professoras de Educação Infantil no Curso de Pedagogia. Apresenta o percurso para a escolha e utilização do *blog* como instrumento de registro e documentação dos dados durante o período de estágio supervisionado na Educação Infantil. Seu objetivo é apresentar a análise de dados armazenados em um *blog*, sobretudo os registros de três alunas que participaram do programa de residência pedagógica. A análise dos dados evidencia as principais categorias de interesse e preocupação das alunas durante o estágio supervisionado na creche: crianças, rotina, planejamento, espaço. O *blog* favoreceu a aprendizagem de aspectos essenciais da Educação Infantil e mostrou-se como ferramenta importante tanto para a formação inicial de professoras na Educação Infantil, quanto para a pesquisa.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Educação Infantil. Prática pedagógica. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). *Blog*.

Abstract

The paper explores the use of new technologies in research and in early childhood education teacher's training at School of Education. It shows the trajectory to the blog choice and the implications of its use during early childhood education teacher's training. Its aim is presenting the analysis of data collected in a private blog, specially from three students records, related to the teachers' training program. The data analysis shows as main categories of concerns and interest of the students: children, routine, planning, space. The blog made easy the learning about the main aspects of early childhood education and showed itself as an important tool for research and teacher's training.

Keywords: *Teacher's training. Early childhood education. Educational practices. Information and Communication Technologies (ICT). Blog.*

¹ As autoras agradecem à Universidade Federal de São Paulo, pela bolsa de monitoria concedida nos anos de 2009 e 2010 à primeira autora.

² Pedagoga formada pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: daniellemarques89@gmail.com – Guarulhos, São Paulo, Brasil.

³ Professora do Departamento de Métodos e Técnicas, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. E-mail: fernandamuller@unb.br – Brasília, Distrito Federal, Brasil.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o uso de novas tecnologias de comunicação tanto na pesquisa, quanto na formação inicial de professoras de Educação Infantil, no Curso de Pedagogia em uma universidade pública de São Paulo. Mais do que isso, explora a forma como a tecnologia pode favorecer aprendizagens em diversas situações de formação inicial de professoras para a Educação Infantil. O trabalho analisa o uso de uma tecnologia que colaborou para a coleta e registro de dados, o *blog*, durante o Programa de Residência Pedagógica (PRP)⁴ na Educação Infantil.

Blog é uma ferramenta disponível na Internet, que permite o registro cronológico de informações e dados (nas linguagens: escrita, sonora, imagética) por um número variável de pessoas, em um *site* de acesso público ou privado, de acordo com a escolha do administrador. O trabalho teve como fonte um *blog* criado em abril de 2009 e concluído em outubro do mesmo ano, cujo conteúdo dizia respeito ao relato diário de 17 alunas do Curso de Pedagogia, durante o período em que estiveram imersas no Programa de Residência Pedagógica na Educação Infantil. O *blog* “PRP na Educação Infantil” foi criado por uma preceptora do PRP, na plataforma gratuita Blogger, e encontrava-se disponível somente aos envolvidos no programa. Em novembro de 2009 essa ferramenta foi fechada para fins de pesquisa, com as devidas autorizações das alunas.

A pesquisa considerou os registros diários de três alunas que atuaram em uma turma de berçário II⁵. Isto porque estudar as práticas pedagógicas direcionadas às crianças pequenas envolve também analisar o ponto de vista dos sujeitos que direta ou indiretamente produzem essas práticas. Assim sendo, os sujeitos escolhidos para esta pesquisa evidenciaram um amplo e complexo conjunto de interpretações sobre as crianças, a partir das quais são produzidas práticas com e/ou para elas. Pretendíamos entender como a experiência da Residência Pedagógica e a experiência de vida de cada uma das três alunas incitam concepções de criança

⁴ Modalidade de estágio obrigatório pautada na imersão de grupos de alunos do Curso de Pedagogia em escolas públicas de um município da região metropolitana de São Paulo. Tem como objetivo oportunizar um contato intenso com a realidade escolar, uma vez que os alunos permanecem na escola durante um período determinado (no caso da Educação Infantil, por 105 horas), acompanhando professoras-formadoras na escola e sendo supervisionados por professores-preceptores na universidade. Previsto a partir do quinto semestre do Curso de Pedagogia.

⁵ Refere-se à faixa etária de um ano e nove meses a três anos.

e de infância, bem como entendimentos sobre as práticas pedagógicas direcionadas a elas, sobretudo na creche.

Tendo como foco o uso do *blog* tanto na pesquisa como na formação inicial de professoras de Educação Infantil, partiremos para a apresentação do trabalho. A organização das seções segue a seguinte ordem: a primeira apresenta o *blog* em conexão com o referencial teórico sobre formação inicial de professoras para atuar na Educação Infantil. A segunda seção apresenta o *blog* como instrumento utilizado na pesquisa sobre a formação inicial de professoras de Educação Infantil. Nestas duas primeiras seções, buscamos mostrar como a incorporação de novas tecnologias pode contribuir para a realização de pesquisas e para a formação de professoras de Educação Infantil, principalmente ao considerar o *blog* uma ferramenta de coleta e registro de dados. A terceira seção apresenta a análise dos dados coletados no *blog*, sobretudo as principais categorias evidenciadas na pesquisa, quais sejam: crianças, rotina, planejamento, espaço. Por fim, considerações finais concluem o trabalho.

BLOG COMO RECURSO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao considerarmos os primórdios da Educação Infantil no Brasil, percebemos uma forte relação entre as funções da mulher, mãe e cuidadora de crianças, concepção que se mantém até hoje em determinados grupos sociais. Segundo Kuhlmann Junior (2001), logo em sua emergência no Brasil, a Educação Infantil mostrou papéis distintos, no que diz respeito à educação de crianças advindas das classes populares e crianças da classe média. Corroborando a tese de Kuhlmann Junior, Nascimento (2004) argumenta que as creches surgiram como uma alternativa ao abandono, combatendo a falta de higiene, a pobreza e a mortalidade infantil. Já os jardins de infância, segundo a autora, surgiram para oferecer espaço e atividades apropriadas às necessidades específicas da pequena infância, atendendo às camadas mais privilegiadas da população. Enquanto as jardineiras recebiam formação como professoras, nas creches eram recrutadas mulheres com pouca ou nenhuma qualificação profissional.

Kuhlmann Junior (2001) ainda contextualiza o período de industrialização, quando a legislação passou a defender a instalação de escolas maternas para prestar cuidados aos filhos dos operários, oferecendo-lhes espaço e alimentação. As instituições de Educação Infantil passaram a ser vistas como um meio para uma sociedade igualitária, instrumento para

liberação da mulher do trabalho doméstico e superação dos limites da estrutura familiar. Assim, as reivindicações por mais instituições de Educação Infantil foram crescendo. A expansão das creches públicas foi, no entanto, acompanhada pela implantação de projetos de baixo custo para o atendimento de crianças oriundas das classes populares. Nesse sentido, Kuhlmann Junior (2001, p. 7) escreve que “a segmentação do atendimento da criança pobre em instituições estruturadas precariamente continua na agenda dos problemas da Educação Infantil brasileira”. Essa discussão, igualmente, está bastante presente, quando se trata de formação de professoras para a Educação Infantil.

Concepções diversas de criança e infância produzem práticas pedagógicas igualmente diversas. O que se pensa sobre as crianças, portanto, delimita objetivos da Educação Infantil a serem alcançados e direciona ações de maneira determinante. Por isso, essas concepções devem ser amplamente discutidas e aprofundadas na formação inicial de professoras de Educação Infantil, de forma a contribuir para o planejamento de práticas pedagógicas apropriadas às especificidades de creches e pré-escolas.

Nem sempre se considerou crianças pequenas um grupo social. A posição que esse grupo ocupa na sociedade contemporânea decorre de uma nova configuração política, econômica e cultural, conforme pontua Machado (2000). Reconhecidas pela Constituição da República (BRASIL, 1988) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), crianças passaram a ser consideradas sujeitos de direitos, incluindo o direito à educação de qualidade. Isso implica a necessidade de formação de profissionais para atuar com as crianças pequenas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) passou a exigir professores habilitados em nível médio ou superior para o desempenho profissional na Educação Infantil, tendo em vista a inserção desta no sistema de educação básica. Assim, a formação de professoras, segundo Machado (2000), passou a ser vista como elemento-chave para a melhoria na qualidade do atendimento às crianças em creches e pré-escolas. Segundo a autora (2000, p. 196), “cabe ao adulto, ainda, a articulação de atividades previamente selecionadas e aprendizagens progressivamente mais abrangentes e consistentes com experiências inéditas para as crianças”, ou seja, o trabalho da educadora envolve conhecimento do desenvolvimento das crianças, acompanhamento da rotina, planejamento das atividades, observação e registro.

O avanço no conhecimento científico e as novas teorias sobre o desenvolvimento de crianças e da aprendizagem contribuem para transformar o papel da educadora em um contexto coletivo de educação. Inicialmente, a luta pela garantia de Educação Infantil correspondia ao acesso universal das crianças à creche, o que posteriormente se transformou na busca pela qualidade do atendimento (MACHADO, 2000).

Corrêa (2003) estabelece como critério de qualidade na Educação Infantil o atendimento aos direitos fundamentais das crianças garantidos na legislação. Segundo a autora, existem três principais questões a serem pensadas para padrões mínimos de qualidade de atendimento às crianças pequenas sejam atingidos. A primeira delas é alcançar a proporção entre a demanda e a oferta de vagas em creches e pré-escolas, respeitando o direito de todos ao atendimento. A segunda diz respeito à razão entre o número de crianças por professora, ou seja, respeitar e atender as crianças em condições dignas de trabalho. A terceira dimensão é a do cuidado, que deve estar sempre presente na Educação Infantil e está intimamente ligado à formação profissional.

Kramer e Nunes (2007) apontam a dificuldade das professoras de Educação Infantil em construir uma identidade própria. Segundo as autoras, a essa dificuldade acrescenta-se a falta de formação, que não dá a elas a segurança e o conhecimento necessários para a realização de um bom trabalho. As autoras (2007, p. 451) também reconhecem que, nas escolas de Educação Infantil, “a precariedade, a falta de condições materiais e humanas, o despreparo e o imprevisto convivem com a dedicação, o idealismo e o compromisso profissional”.

A formação sólida de professoras de Educação Infantil é imprescindível para que um bom trabalho seja realizado com as crianças. Compreender a criança como ser ativo que interpreta e reinventa o mundo dos adultos, entender as diversas concepções de infância e criança e saber lidar com as dificuldades do cotidiano é essencial na Educação Infantil.

Nesse sentido, defendemos o uso de novas tecnologias e, mais precisamente, o *blog* como ferramenta legítima de registro e documentação na formação inicial de professoras de Educação Infantil. A incorporação das Tecnologias da Informação da Comunicação (TIC) na formação inicial de professores já se constituiu como um tema de política pública em diversos países. Karsenti, Villeneuve e Raby (2008, p. 871) explicam que, em Quebec, o uso das TIC está previsto não só na formação inicial, como na formação continuada de professores. É esperado que o professor recém-formado saiba comunicar-se, ensinar e planejar as suas aulas

com a ajuda das TIC. Isso porque faz parte dos objetivos do Ministério da Educação, do Lazer e do Desporto de Québec que os professores consigam estimular os alunos a utilizarem as TIC como recurso para o seu aprendizado.

Apresentamos a seguir três vantagens do uso do *blog* na formação inicial de professoras de Educação Infantil. A primeira consistiu na abertura de um canal diário de comunicação e troca de informações entre preceptora responsável e alunas e entre alunas. De modo a mais bem orientar o grupo acerca do que era esperado delas no PRP, os primeiros registros do *blog* “PRP na Educação Infantil” foram realizados pela preceptora e incluíam um conjunto de informações iniciais sobre o estágio e a instituição de Educação Infantil. Mais do que isso, o *blog* possibilitou a documentação das experiências das alunas, o que Gandini e Goldhaber (2002, p. 150) conceituam como “um processo capaz de ampliar a compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças”.

A segunda vantagem: o *blog* serviu como instrumento coletivo de discussão a partir de questões emergentes da Educação Infantil, tornando-se inclusive fonte de debates teórico-metodológicos e sugestões para futuras intervenções na escola. Vale ressaltar que o *blog* não só proporcionava às alunas e à preceptora um diálogo diário e atualizado, como viabilizava a troca de experiências entre as próprias alunas, que liam e comentavam os registros umas das outras. Com a possibilidade de socializar com pares, as alunas descreviam situações de conflito, insegurança, dificuldade no relacionamento com as professoras-formadoras, com o grupo gestor ou com as crianças. A documentação, nesse sentido, vai ao encontro do que Gandini e Golhaber (2002, p. 151) apresentam: “uma observação aguçada e uma escuta atenta, registrada através de uma variedade de formas pelos educadores que estão contribuindo conscientemente com sua perspectiva pessoal”. Isso porque o *blog* é capaz de armazenar um conjunto de informações por meio de diferentes linguagens – gravações em áudio e vídeo, escrita, ícones, imagens, o que foi recorrentemente utilizado pelas alunas.

Selwyn (2008, p. 819) escreve que, ainda que “o uso das TIC não seja um pré-requisito para sobreviver na sociedade do século XXI, é quase certamente um elemento integral para prosperar na sociedade deste século”. Esse argumento corrobora a terceira vantagem da incorporação do *blog*: o uso de novas tecnologias na formação inicial de professoras vai ao encontro das próprias linguagens atuais disponíveis de comunicação. Há que considerar que todas as alunas já possuíam certa familiaridade com *blogs*, mas, além disso, contavam com a Internet para se comunicar através de diferentes redes sociais. Logo, o

blog mostrou-se mais uma possibilidade de interação e aprendizagem, abrindo uma via de comunicação alternativa.

BLOG COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Herdando as metodologias de pesquisa quantitativa das ciências naturais, pautadas em experimentação e neutralidade, muitos estudos educacionais tentaram analisar a escola fora de seu contexto. As primeiras pesquisas educacionais desconsideravam também, conforme menciona Lüdke (1986, p. 3), “a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador”. Com o passar do tempo, segundo Lüdke (1986), foi-se percebendo a ineficácia da abordagem analítica nas pesquisas educacionais, devido à complexidade dos fenômenos e à impossibilidade de isolar os fatos que agiam e interagiam simultaneamente. A pesquisa quantitativa, portanto, limitava a análise dos fenômenos educacionais.

Segundo Lapière (2008), é preciso considerar, além dos sujeitos de pesquisa, o ambiente no qual estão inseridos, a formação que lhes foi oportunizada e as relações destes com os outros indivíduos que ali convivem. Isso foi contemplado durante a construção do repertório teórico e também durante a análise dos registros das alunas no *blog*, quando foram investigadas as relações, as impressões e as considerações dos sujeitos acerca do espaço e das pessoas que compunham o cenário de investigação. Outro elemento importante, segundo Lapière (2008), é a escuta crítica por parte do pesquisador, considerando todas as falas como legítimas, evitando juízos de valor e valorizando o contexto no qual a pesquisa está inserida. A escuta crítica e a utilização correta dos recursos metodológicos é que garantirão o distanciamento – e não a neutralidade – necessário ao pesquisador.

A pesquisa com as alunas, além de nos dar pistas sobre como as concepções de crianças, de infância e de práticas pedagógicas são construídas, mostrou indícios sobre como essas compreensões foram transformadas, alteradas e/ou refletidas durante o Curso de Pedagogia.

Importantes trabalhos, como o de Kramer e Nunes (2007) e o de Oliveira et al. (2006) investigaram processos de formação continuada e em serviço na Educação Infantil. Kramer e Nunes (2007) exploraram histórias das propostas de formação e as histórias de gestores de Educação Infantil de secretarias municipais de educação do estado do Rio de Janeiro. As autoras conduziram cinco entrevistas coletivas semiestruturadas com profissionais

oriundos de quatro regiões do estado. Em seguida, elaboraram um perfil dos 57 entrevistados, considerando aspectos da trajetória, da formação e da escolaridade, e utilizaram o *software* Nudist para organizar os dados emergentes das entrevistas. As autoras identificaram as seguintes categorias para análise: “identidade”, “gestão”, “infância e Educação Infantil” e “formação”. Do ponto de vista da identidade profissional, chama atenção das autoras o fato de os gestores se referirem recorrentemente às professoras de Educação Infantil como “meninas”, o que, dentre outras reflexões, pode ter relação com “o fato de que na educação brasileira, as professoras ganham não segundo o nível de escolaridade que adquiriram na sua formação, mas de acordo com o nível em que atuam” (KRAMER; NUNES, 2007, p. 450)

Considerando as vozes de educadoras, Oliveira et al. (2006) analisaram trabalhos de conclusão do Curso Normal de nível médio promovido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para qualificar auxiliares de Educação Infantil (ADIs). As autoras escolheram 33 textos produzidos pelas ADIs participantes da primeira turma do curso, que consistiam em um memorial sobre sua trajetória pessoal em relação a seis aspectos: “Quem sou eu, Minha vida escolar, Minha vida no CEI, Minha vida no ADI-Magistério, Minha prática educativa e Meu futuro como professor(a)” (OLIVEIRA et al., 2006, p. 555). O trabalho mostra a importância de as ADIs colocarem-se como sujeitos-autores de um texto, “buscando produzir nele unidade, coerência, completude, ao mesmo tempo que criavam efeitos de dispersão do sujeito e do sentido, abrindo caminho a muitas mudanças nelas mesmas” (OLIVEIRA et al., 2006, p. 568-569).

Contudo, ainda encontramos uma ausência de trabalhos sobre formação inicial de professoras de Educação Infantil, o que pode ser consequência da recente oferta de disciplinas obrigatórias nos cursos de Pedagogia voltadas a essa etapa da educação básica. No intuito de considerar a voz das alunas em todas as suas possibilidades, utilizamos o *blog* como fonte de pesquisa.

Durante o PRP em Educação Infantil no ano de 2009, 17 alunas acompanharam a rotina de três turmas de creche (15 alunas) e de duas turmas de pré-escola (2 alunas). Esse grupo documentou diariamente suas impressões sobre a residência pedagógica no *blog*, que foi utilizado como instrumento de registro, observação e reflexão sobre a experiência vivida.

O *blog* se constituiu como um banco de dados de alunas e preceptora sobre as especificidades do trabalho pedagógico com crianças pequenas. Os registros evidenciam descrições sobre os espaços físicos, sobre a atuação das profissionais, sobre as crianças, sobre

a rotina e as demais práticas pedagógicas direcionadas a cada turma. Cada residente deveria escrever, de maneira detalhada e densa, os momentos de permanência na creche ou na pré-escola, ações interessantes das professoras-formadoras e aspectos da rotina da turma. Além disso, apresentariam sua reflexão acerca dos acontecimentos com base em um repertório teórico sobre a Educação Infantil, estudado e discutido nos encontros presenciais de orientação. Associado às demais demandas, a cada dia as alunas deveriam responder à pergunta: “O que aprendi com as crianças hoje?” Foi solicitado que cada aluna realizasse, pelo menos, um registro por dia de residência, com atraso de, no máximo, um dia.

Após uma análise preliminar dos registros do *blog*, foi escolhida a turma de berçário II para focar nossas questões de pesquisa. O berçário II, como parte da creche, evidencia as práticas pedagógicas direcionadas às crianças da faixa etária de zero a 3 anos, campo ainda pouco explorado nas pesquisas científicas. Além disso, a partir das descrições do *blog*, percebemos que a turma de berçário II poderia ser observada e analisada a partir de aspectos apontados pelas próprias alunas, como: formação continuada de professoras, especificidade do trabalho pedagógico para a faixa etária de zero a 3, planejamento e rotina.

O *blog* contou com registros e comentários de maio a outubro de 2009, de acordo com o Quadro 1:

QUADRO 1 – Total de registros de maio a outubro de 2009⁶

Mês	Total de alunas	Número de registros	Número de comentários
Maio	07	103	115
Junho	04	36	23
Julho	0	0	0
Agosto	03	47	14
Setembro	03	45	30
Outubro	03	48	24
TOTAL	20	279	206

Escolhemos três alunas que atuaram no berçário II no primeiro e no segundo semestres de 2009 como sujeitos principais da pesquisa, pois queríamos compreender suas concepções sobre as crianças pequenas e a infância e sobre as práticas pedagógicas na creche. O critério para a seleção das alunas partiu do foco no trabalho com crianças de zero a 3 anos, o que concentrava a escolha entre as alunas que realizaram residência pedagógica na turma do

⁶ FONTE – As autoras deste texto.

berçário II. Isso nos levou, em um primeiro momento, a um grupo de cinco alunas. Foi, então, utilizado o *blog* para identificar, entre essas cinco, as três que descreveram suas experiências na residência pedagógica de forma mais reflexiva e complexa. A legenda A1, A2 e A3 representa as três alunas escolhidas para a participação na pesquisa. Abaixo apresentamos um breve perfil de cada uma.

A1 tem 25 anos, ingressou no Curso de Pedagogia em 2007 e estuda no período noturno. Trabalha em um centro educacional responsável por escolas técnicas e faculdades de tecnologia, localizado em São Paulo. Foi motivada inicialmente a escolher a profissão por visualizar um futuro promissor na área e, em seguida, por constatar que havia muitos problemas na educação. Decidiu cursar Pedagogia, pois reconhecia a importância da educação e queria fazer a diferença. Na sua infância, brincava muito sozinha, pois gostava de seguir suas próprias regras. Além disso, a diferença de idade em relação a sua irmã e a sua prima era muito grande. Retrata a infância de sua época como um momento de liberdade. Relata sua experiência na residência pedagógica como muito cansativa, pois, para conciliar esse período com o trabalho e as aulas da faculdade, sobrava muito pouco tempo para descansar.

A2 tem 22 anos, ingressou no Curso de Pedagogia em 2007 e estuda no período vespertino. Acredita que sua motivação para cursar Pedagogia pode ter vindo da própria família, pois as irmãs são professoras. A mãe nunca interferiu em sua escolha, deixando-a bastante à vontade para decidir sobre seu futuro profissional. Durante a infância, conviveu muito com adultos, pois a diferença de idade em relação aos irmãos é grande. Tinha pouco contato com crianças e não se sentia à vontade para se relacionar com elas. Preferia brincar sozinha ou na companhia de pessoas mais velhas. Gostava muito da escola, lembra-se com carinho dos ambientes, dos professores, das atividades e, principalmente, dos livros. Ainda é uma pessoa tímida e ressalta que tem muita dificuldade de se expressar publicamente. Relata que o período de Residência Pedagógica foi um pouco cansativo, mas muito interessante. Faz muitas críticas ao que entende como falta de intencionalidade e planejamento das professoras na creche e também com relação à higienização das crianças na hora da alimentação, troca de fraldas e brincadeiras em espaços abertos. Por isso, diz que jamais aconselharia uma mãe a colocar seu filho no berçário.

A3 tem 28 anos, ingressou no Curso de Pedagogia em 2007 e estuda no período vespertino. É mãe de uma criança de cinco anos e constantemente compara suas práticas como aluna com sua experiência materna. Durante a infância, teve pouco contato com a mãe, pois esta trabalhava em período integral. Ficava a maior parte do tempo com pessoas que tomavam conta dela. Tinha muitos brinquedos e hoje comenta que essa era uma forma de a mãe compensá-la pela sua ausência. Ressalta que era muito tímida na escola e se recorda dos momentos em que ficava em um canto sozinha. Sua experiência de infância foi fundamental para suas escolhas. Casou-se muito cedo, teve filho e organizou os seus horários e compromissos de forma que possa passar o máximo de tempo com ele. Sua escolha profissional também aconteceu em função do filho. Na sua visão, a Pedagogia permite que futuramente trabalhe por meio período; assim, ela tem a oportunidade de estudar ou trabalhar enquanto o filho está na escola e, depois, passar o resto do dia com ele.

Os registros de A1, A2 e A3 nos ajudaram a identificar de que formas as práticas pedagógicas realizadas com crianças no berçário II confrontaram concepções delas próprias sobre a Educação Infantil e de que forma essas concepções se reverteram em práticas. A2 e

A3 possuíam 15 e 16 registros, respectivamente, e realizaram a Residência nos meses de setembro e outubro de 2009, tendo permanecido na escola por um período de três semanas consecutivas. A1 possuía 12 registros e realizou a Residência durante o seu período de férias do trabalho, na primeira quinzena do mês de maio de 2009, em caráter especial, encerrando as atividades em duas semanas. Elaboramos o Quadro 2, exposto a seguir, para dispor informações sobre os registros das três alunas.

QUADRO 2 – Informações sobre o registro das três alunas⁷

Mês	Residente	Registros publicados	Comentários publicados pelas alunas	Comentários publicados sobre os registros das alunas
Maio	A1	12	2	14
Setembro	A2	15	7	12
Outubro	A3	16	3	8
TOTAL		43	12	34

Além dos dados obtidos no *blog*, foi realizado um total de 15 entrevistas com as 3 alunas, 5 com cada uma, que capturaram informações sobre diferentes vivências durante o período de Residência Pedagógica no berçário II. Optamos pelo uso de entrevistas semiestruturadas como forma de coleta e produção de dados.

Foram elaboradas questões norteadoras para as entrevistas, tendo em vista cinco categorias principais: infância, família, escolha profissional, berçário e crianças. Com base nas categorias, um conjunto de perguntas foi elaborado como guia para cada um dos cinco encontros. Estabelecemos, para cada categoria, os elementos principais que deveriam fazer parte das perguntas. Igualmente, observamos que as entrevistas e o *blog* possuíam uma forte complementaridade, já que, em vários momentos, as observações sobre situações ocorridas na escola poderiam ser encontradas nos relatos do *blog*, acrescidas de detalhes e informações importantes. Em outras situações, a descrição do *blog* era complementada pela entrevista, trazendo impressões pessoais e detalhes que não haviam sido escritos anteriormente.

⁷ FONTE – As autoras deste texto.

ANÁLISE

Durante o processo, as alunas foram se tornando mais atentas sobre as especificidades da Educação Infantil e também sobre o papel da professora de creche. O registro de A1, abaixo, descreve sua aproximação com o universo da Educação Infantil, o que foi seguido pelo comentário da preceptora:

Minha visão

O dia foi mais tranqüilo, agora eu já sei o nome de todas as crianças (hoje tinha 22 na sala) e elas já não me estranham muito, só o [criança 1] ainda se incomoda muito comigo, ele me faz xixi se eu estiver perto. Hoje pude observar melhor o comportamento das crianças, por elas estarem mais à vontade. Algumas ainda têm bastante dificuldade como coisas simples como esfregar as mãos, as coisas que são óbvias para nós são muito complexas para elas. O mais interessante é perceber que elas tentam fazer as coisas, elas realmente querem fazer e apesar de desistirem, hora ou outra elas tentam novamente. Percebi a atenção que as crianças dão para as pequenas coisas e isso muitas vezes me passava despercebido. O olhar da criança é muito diferente do nosso, elas se apegam a cada detalhe, a cada movimento e a cada olhar. Saber que tudo que a gente faz influencia elas dá um certo medo, medo de fazer a coisa errada e não ter mais volta. (Postado por [A1] em 05/06/2009, às 11:15:00 p.m.)

1 comentário:

[Preceptora] disse...

[A1], esse esforço de entender o ponto de vista da criança é absolutamente necessário e eu te parableno por ter esta preocupação. Eu te sugeriria que pegasse na biblioteca o livro "Com olhos de crianças", do Francesco Tonucci. Ele é um psicólogo italiano que se esforça demais em se colocar no lugar das crianças. (07/06/2009, 00:20:00 a.m.)

Os registros das três alunas nos apontaram, preponderantemente, quatro categorias recorrentes: crianças, rotina, planejamento, espaço. Suas impressões foram descritas de maneira bastante rica no *blog* e demonstraram fascínio pela forma como as crianças se desenvolvem e apreendem o mundo. As aprendizagens e os avanços das crianças foram relatados com satisfação e, após alguns dias de Residência Pedagógica, as alunas reconheciam todas as crianças pelo nome. Elas notavam quais crianças estavam ausentes, quais não estavam se alimentando, quais eram mais participativas, quais eram mais tímidas, e seus progressos eram entendidos como conquistas. A2 relatou um momento em que uma criança que pouco falava conversou com ela:

5º Dia – Berçário

Enquanto as crianças brincavam hoje, tentei me aproximar da [criança 2]. Desde que comecei a RP ainda não tinha ouvido a voz dela: ela simplesmente não fala! Monólogo vai, monólogo vem, cosquinha aqui, cosquinha ali, senti que ela começava a se soltar um pouco mais, até que uma hora ela se aproximou de mim com o braço de uma boneca na mão (pobre bonequinha... Por falar nessa boneca, as professoras disseram que o cabelo dela foi feito inspirado em mim: preto e pink. Rsr). Perguntei o que ela estava segurando, e ela disse: “baço!”. Imagina só a minha cara quando ela respondeu!! Fiquei toda sorridente e disse: “Olha... você fala!!!”, e ela falou: “é!”. Postado por [A2], em 14/09/2009, às 09:23:00 p.m.

Katz (1999, p. 49) apresenta uma interessante reflexão que explica o momento vivido por A2 com a criança no berçário: “quando os adultos comunicam um sincero e sério interesse pelas ideias das crianças em suas tentativas de se expressarem, um trabalho rico e prazeroso pode ocorrer, mesmo entre crianças muito pequenas”.

Podemos afirmar que a pesquisa constante faz parte do ofício de professora de Educação Infantil, o que pode ser organizado pelo registro diário, pela coleta de fotografias e vídeos, assim como por uma escuta atenta e constante às crianças. Crianças aprendem desde seu primeiro momento no mundo e precisam de desafios para se desenvolver. A arte, neste sentido, tem papel fundamental na Educação Infantil. Dias (2007) escreve que imaginação e criatividade são elementos fundamentais na constituição da criança como sujeito humano, histórico, cultural e, portanto, são primordiais para a Pedagogia. Além disso, possibilitam a elaboração do pensamento e das ações por meio de imagens visuais, sonoras, plásticas, táteis, espaciais e verbais. Integram emoção, percepção, intuição e cognição a serviço da significação e ressignificação do homem e do mundo.

No entanto, através dos registros no *blog*, ficou evidente que o tempo é que determinava as atividades das crianças, e não o contrário. Ainda que a rotina seja, conforme Barbosa (2006), uma categoria pedagógica que organiza o trabalho cotidiano e que dá segurança às crianças, organiza suas experiências, ajuda a orientá-las e desenvolvê-las, se entendida como uma estrutura alheia à prática pedagógica, pode se tornar “rotineira” e negativa para os sujeitos envolvidos. Embora as rotinas devam ser estabelecidas, elas não podem ser cristalizadas. A1 e A3 mostraram o quanto a rotina no berçário II se apresentava de forma inflexível, desconectada da proposta pedagógica e voltada, sobretudo, para as ações de alimentação, sono e higiene.

04/05/2009 Berçário

A aula não me pareceu muito planejada, mas há uma rotina que envolve a hora de comer, de dormir e de ir ao banheiro. Postado por [A1] em 04/05/2009, às 09:05:00 p.m.

Segundo Dia – Berçário

O dia seguiu com sua rotina: canções, café, brincadeira, colação, história, sala de vídeo, almoço e soninho. Postado por [A3] em 30/09/2009, às 02:12:00 p.m.

Ao contrário, Barbosa (2006) mostra que a rotina deve envolver o protagonismo dos sujeitos da escola para se tornar significativa a todos, e não estar alheia, como se fosse uma norma vigente. Só assim, a rotina poderá alcançar seus objetivos de organizar a experiência das crianças e ajudá-las a se desenvolver.

Rotina e planejamento na Educação Infantil são categorias pedagógicas inseparáveis e dependentes. Nesse sentido, as alunas mencionam que as professoras utilizavam os mesmos momentos da rotina, de sono e atividade livre, para planejar as ações do dia seguinte ou até a próxima atividade que dirigiriam à turma. Embora não houvesse planejamento de médio e longo prazo, as alunas reconhecem que as condições desfavoráveis de trabalho e formação dessas profissionais dificultavam a organização de aspectos fundamentais na Educação Infantil. Um número grande de crianças em cada sala, necessidade de trabalhar em dois períodos, excesso de atividades são justificativas recorrentes para a falta de tempo para o planejamento. Porém, as três alunas apontam como necessário e essencial o planejamento para um bom trabalho com as crianças.

O berçário II contava com 3 professoras e 25 crianças. É comum que se pense na divisão de crianças pelo número de professoras, de forma que oito crianças para cada adulto responsável é um número razoável. Todavia, se pensarmos que nessa sala havia uma divisão de tarefas, conforme relatado pelas alunas, de forma que uma professora preparava a atividade; a outra aplicava; e a última, por sua vez, cuidava dos relatórios, dos diários e das agendas, ao final, as 25 crianças, em geral, ficavam sob os cuidados de um adulto durante as atividades. Por outro lado, a experiência bem-sucedida de Reggio Emilia indica que o trabalho com grupos pequenos pode ser mais satisfatório do que a manutenção de grandes grupos. Segundo Katz (1999, p. 50), “não foi observada qualquer evidência de que todas as crianças em uma classe estivessem sujeitas à instrução ao mesmo tempo”.

Durante as atividades com o berçário II, a ausência de planejamento interferia e prejudicava constantemente. As alunas mencionam o uso de vídeos e livros inadequados, a falta de contextualização das atividades e a falta de interesse das próprias crianças diante de

atividades que a elas pareciam sem sentido. No *blog*, esse argumento fica ainda mais evidente. As professoras geralmente pensavam as atividades na hora em que elas eram executadas, sem calcular tempo, sem verificar se o material que seria utilizado era adequado e sem a definição de uma sequência de aprendizagens. Muitos imprevistos foram relatados pelas alunas, como a apresentação de filmes impróprios. A3 relata um desses momentos:

Nono Dia 08/10 - Berçário

Por volta das 8:20 fomos para a sala de vídeo juntamente com as demais salas, e como consequência do improviso, as professoras confirmaram que o filme que acabara de iniciar não tratava-se de um filme apropriado, pois logo de início apareceu uma cena indecente que não tenho palavras para descrever o que presenciei, sendo assim perceberam que o filme estava trocado, só tinha a capa infantil, é foi deplorável. Postado por [A3] em 10/10/2009, às 06:18:00 p.m.

Tendo como exigência do PRP o planejamento e a realização de um plano de ação pedagógica em sua turma de atuação, por meio do *blog*, as alunas pediam sugestões de atividades e materiais e avaliavam ações continuamente. Cada registro poderia ser comentado e respondido pelas demais colegas e pela preceptora, favorecendo a interação e a colaboração durante a elaboração dos planos.

Assim como a rotina e o planejamento, o espaço da creche era constantemente discutido. As alunas mencionaram que as salas eram muito padronizadas, com paredes vazias e poucos brinquedos e poucos materiais disponíveis às crianças. Isso demonstra a falta de percepção e preocupação com o espaço, este que, segundo Gandini (1999), pode ser entendido como o terceiro educador. Ainda no berçário II, não havia ambiente diferenciado para as crianças pequenas. A sala era exatamente igual àquelas da pré-escola, sem brinquedos ou objetos e materiais diversos e desafiadores. Em relação a isso, A1 comenta:

Entrevista – Temática – Escolha Profissional

Então, por exemplo, eu lembro que numa aula da [preceptora] ela falou que tinha uma creche na Itália em que o piso era diferenciado porque as crianças não tinham que aprender a andar só no plano, elas também iam aprender a andar na rampa, vai aprender a andar no não sei o que. E lá não, tudo é muito padronizado, então os ambientes são muito parecidos. E aí eu acho que nesse sentido o berçário ficava um pouco desprivilegiado porque tudo da criança era muito dentro da sala, tudo era no mesmo ambiente. [...] O parque era o mesmo parque que não tinha brinquedos pra crianças do berçário.[...] Então, elas até tinham brinquedos próprios para o tamanho delas, mas eu acho que uma vez elas pegaram algum desses brinquedos. Mas nem eram esse, eram tipo uns blocos de espuma que era pra fazer obstáculo pra criança subir a escadinha, passar debaixo, passar no meio. Enfim, mas não era nada próprio para o berçário; não tinha nenhum espaço específico para o berçário. Excerto da entrevista realizada em 27/11/2009.

Gandini (1999) mostra como o espaço deve ser planejado de forma a estimular a interação da criança com a professora e com os pares, com o ambiente e com os objetos e materiais que a cercam. Mais do que isso, deve também refletir a história e a cultura do local e das pessoas que ali vivem. A valorização do espaço pode ser muito enriquecedora na Educação Infantil. Um ambiente bem organizado pode promover atividades e explorações produtivas. Expor os trabalhos das crianças nas paredes, por exemplo, é uma forma de transmitir o seu potencial e suas capacidades de desenvolvimento, além de valorizar suas produções.

Todavia, os registros das alunas no *blog* evidenciaram ambientes que não ofereciam os estímulos necessários ao desenvolvimento das crianças pequenas. Elas não só encontraram poucos brinquedos e livros à disposição e ao alcance das crianças, como observaram que os materiais são mantidos em armários ou em outras salas para que sejam preservados. Raras vezes as crianças tiveram oportunidade de manusear livros, já que se imaginava que elas poderiam rasgá-los. Os seus trabalhos geralmente não eram expostos nas paredes e, se o fossem, ficavam a uma altura inacessível para que elas os apreciassem. Isso está relacionado a uma concepção de criança incompetente, que não possui as habilidades necessárias para realizar alguns tipos de tarefas. Também, a partir dessa perspectiva, a ação da criança não é considerada importante em si.

Katz (1999, p. 38) menciona que as educadoras, muitas vezes, subestimam a capacidade de representação das crianças e a “qualidade do esforço e do crescimento intelectual que estas capacidades podem estimular”. Segundo a autora, as crianças são capazes de se comunicar a partir de linguagens visuais e gráficas muito antes do que presumem algumas professoras de Educação Infantil. E essas representações permitem que as crianças formulem hipóteses, discussões e argumentos, engajando-se na busca por um conhecimento mais aprimorado sobre o mundo que as cerca.

CONCLUSÃO

As alunas apresentaram contribuições interessantes para a discussão sobre creche e prática pedagógica com crianças pequenas. A partir de seus registros no *blog* sobre a rotina, o planejamento, a organização do espaço e outros elementos específicos da Educação Infantil, mostraram suas visões sobre criança, infância e escolarização, embasadas por sua experiência de vida e por sua formação no Curso de Pedagogia. Percebe-se que a Residência Pedagógica

foi um momento que contribuiu de maneira inegável para a formação. Tanto o curso quanto a experiência prática, permeados por um repertório teórico construído, colaboraram para que as alunas compusessem visões sobre a educação de crianças de zero a 3 anos e sobre as exigências profissionais para essa etapa.

Reiteramos, portanto, as vantagens do uso de novas tecnologias, sobretudo o *blog*, para a formação inicial de professoras e para a pesquisa, quais sejam: a abertura de um canal diário de comunicação e troca de informações entre preceptora e alunas e entre alunas; a consolidação de um instrumento coletivo de discussão sobre questões emergentes da Educação Infantil, facilitando o aprofundamento teórico-metodológico; a incorporação de linguagens tecnológicas já utilizadas pelas alunas na sua atividade de formação.

As observações feitas pelas alunas no *blog* sobre as práticas pedagógicas dirigidas às crianças no berçário II nos mostraram que a formação, aliada à utilização de novas tecnologias, influenciou a experiência das alunas de forma decisiva e positiva. Elas puderam vivenciar e compreender diferentes aspectos da Educação Infantil, refletir sobre eles e construir suas próprias práticas pedagógicas. Igualmente, a qualidade das observações e dos registros diários das alunas no *blog* sobre o berçário e sobre as especificidades da educação das crianças pequenas reforça que tanto o ensino quanto a pesquisa podem valer-se de TICs para atingir seus objetivos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Artmed, 2006, p. 35 - 46.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Lei 8069**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

_____. **Lei 9394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CORREIA, Bianca Cristina. Considerações sobre qualidade na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 85-112, jul. 2003.

DIAS, Marina Célia Moraes. Early childhood education in brazil: creativity and imagination. **Early Childhood Education Journal**, v. 4, p. 952-957, 2007.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org.). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 145-158.

GANDINI, Lella; GOLDBERGER, Jeanne. Duas reflexões sobre a documentação. In.: GANDINI, Lella; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini**: a abordagem italiana à Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 150-169.

KARSENTI, Thierry; VILLENEUVE, Stéphane; RABY, Carole. O uso pedagógico das Tecnologias da Informação e da Comunicação na formação dos futuros docentes no Quebec. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, out, 2008, p. 865-889

KATZ, LÍlian. O que podemos aprender com Reggio Emilia? In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org.). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 37-55.

KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda. Gestão Pública, formação e identidade de profissionais de Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 131, p. 423-454, maio/ago., 2007.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LAPIÈRE, Anne. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, Jean. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 410-435.

LÜDKE, Menga. Evolução da pesquisa em Educação. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Lúcia. Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para a Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 110, Julho, 2000, p. 191-202.

NASCIMENTO, Maria Leticia. Pode-se pensar a creche como espaço de conquista social? Algumas reflexões. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 7., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: [s.n.], 2004

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. et al. Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 129, p. 547-571, 2006.

SELWYN, Neil. O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 815-850, out. 2008.

Recebido em: 22/06/2011
Publicado em: 29/06/2012